

FAMÍLIA MONOPARENTAL FEMININA DE BAIXA RENDA NA ZONA SUL DE TERESINA: COMPOSIÇÃO, TRABALHO E FORMAS DE APOIOS FORMAIS E INFORMAIS

Jeane Mayana dos Santos Amorim (voluntária do ICV/UFPI), Solange Maria Teixeira (Orientadora, Depto de Serviço Social – UFPI).

O estudo centralizou-se nas discussões sobre a configuração das famílias monoparentais femininas, ou seja, o arranjo familiar cujo principal provedor é a mulher que não tem cônjuge e vive apenas com os filhos. Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa ou subprojeto ora relatado é identificar as estratégias de sobrevivência e existência desse grupo familiar, com destaque para a rede informal de ajuda mútua e de solidariedade e a rede formal ou secundária, relacionadas principalmente, com a presença do Estado, dentro do contexto das famílias de baixa renda da zona sul de Teresina. A pesquisa foi dividida em três frentes de trabalho, cada um com objetivos específicos, logo, também tiveram metodologias e estratégias de investigação variadas e específicas, todos ligados à temática geral. A primeira frente tratou de levantamentos bibliográficos e sistematizações de pesquisas realizadas sobre o tema. A segunda frente tratou do levantamento de dados a partir da base de dados do IBGE sobre família brasileira, com destaque para a família monoparental. A terceira frente, da coleta e tratamento de dados obtidos via questionários semi-abertos juntos aos membros das famílias monoparentais femininas da zona sul de Teresina, onde foi usada uma metodologia quantitativa do tipo survey. Nessa perspectiva, o instrumento de coleta de dados foi, prioritariamente, o questionário, e este tem uma estrutura de perguntas abertas e outras fechadas, para captar opiniões, modos de pensar, valores e dinâmicas sociais familiares. Sendo uma amostragem de grupos de 20 famílias residentes em vilas da zona sul de Teresina onde foi aplicado um questionário para cada família. A aplicação dos questionários ocorreu no período de maio a junho de 2011, em quatro (4) vilas da zona sul de Teresina, a saber: Vila Irmã Dulce, Loteamento Sete Estrelas (Bairro Angelim), Vila Paraíso e Vila Francisco Gerardo (Bairro Santo Antonio). Os dados que puderam ser quantificados foram tabulados, expostos em tabelas e analisados conforme a prevalência ou regularidade das variáveis detectadas, além da categorização em porcentagem de questões fechadas de resposta única. As questões abertas foram categorizadas, tipificadas e submetidas à análise de discursos, fornecidos pelos membros das famílias e os aportes da literatura científica. A respeito dos arranjos familiares observamos na literatura estudada que a família na contemporaneidade vem passando por várias transformações, pois os padrões de formação, dissolução e reconstituição desta ficam cada vez mais heterogêneos e seus limites mais imprecisos. Dentre esses novos arranjos pode-se perceber que as famílias chefiadas por mulheres, em especial as monoparentais, têm crescido nos últimos anos. Segundo os dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) no conjunto do País, a média, em 2009, foi de 17,2%, mostrando crescimento de mais de 1 ponto percentual em relação a 1998 (16,7%). Nessa perspectiva, em virtude dos estudos para conhecer a realidade das famílias de baixa renda (zona sul) de Teresina, o perfil das mulheres chefes de família se apresenta da seguinte forma: em relação ao nível educacional, apenas 10% possui o ensino médio completo, já que a maioria (40%) possui o ensino fundamental incompleto e as analfabetas correspondem a 15% o que revela o baixo grau de escolaridade das famílias de baixa renda. Isso afeta a entrada da mulher no

mercado de trabalho, fazendo com que a maioria (65%) trabalhe no setor informal em atividades de diarista, vendedora de cosméticos e roupas e manicure. Quanto à situação civil a grande parte é solteira (60%), em seguida estão às viúvas que correspondem a 30% e depois as separadas com 10%. No que tange a renda familiar mensal, a pesquisa mostrou que 70% das entrevistadas ganham até 1 salário mínimo, sendo relevante também aquelas que ganham somente $\frac{1}{2}$ salário mínimo representando 25% da categoria, o que expressa o grau de dificuldade de provisão destas famílias com uma renda *per capita* muito baixa. No que tange à composição familiar a maioria das mulheres (60%) mora apenas com os filhos a mais de quatro anos e 15% mora há aproximadamente quatro anos o que confirma os estudos de Sarti (2007) que a monoparentalidade feminina não é fixa e constante. A maior parte 35% mora apenas com os filhos em virtude de separação, 30% por questões de viuvez e 30% porque preferem ser mãe solteira. Também se verificou que 40% moram no domicílio apenas com um filho, o que evidencia o fato de que as mulheres optam cada vez mais por ter menos filhos, pois como ressalta as bases dos estudos bibliográficos são estas famílias as que encontram mais dificuldades na provisão das necessidades de seus membros. Isto significa que a família precisa de apoios direcionados ao maior e melhor usufruto de bens e serviços indispensáveis à alteração da qualidade de vida e exclusão a que estão submetidos a fim de responder às expectativas de sobrevivência e vivência destas famílias (CARVALHO, 2008). E ainda em termos de benefícios e programas governamentais a principal referencia recai sobre o Programa Bolsa Família, pois de fato se trata de um programa focalista – além de outros – específicos para as famílias de baixa renda. Dessa forma, 80% das mulheres entrevistadas afirmam está inserida nesse programa, o que demonstra que o mesmo é importante para 45% delas. Mas 65% disseram que o benefício não é suficiente para atender as necessidades familiares. Isso mostra a incidência do Estado junto às famílias em situação de vulnerabilidade, mas também sua insuficiência para tender suas necessidades básicas fazendo com que haja a mobilização das redes de apoio informal no que se refere às estratégias de divisão dos recursos e auto-ajuda para garantir sua sobrevivência e existência. Enfim, os dados empíricos da pesquisa confirmam os estudos bibliográficos de vários autores sobre as famílias monoparentais feminina de baixa renda, no que diz respeito ao baixo nível de escolaridade afetando, pois, a sua entrada no mercado de trabalho formal requer cada vez mais qualificação e experiência profissional. Isso faz com que a maioria dessas mulheres trabalhem no setor informal; a renda da família em torno de 1 salário mínimo que expressa as dificuldades em manter a provisão dos membros familiares. Assim é evidenciado o papel das redes formais, a relação da família com o Estado que deve oferecer usufrutos e serviços indispensáveis para a alteração da qualidade de vida. Também foi verificada a extrema importância que a rede de apoio informal - baseadas nas relações com os amigos, compadres e vizinhos - oferece para as famílias em situação de pobreza. Portanto, diante do que foi visto percebe-se que a situação de vulnerabilidade se agrava ainda mais nessas camadas pobres já que na ausência do acesso às políticas de proteção social, as mulheres chefes de família, a rede de parentesco e compadrio continua sendo os únicos responsáveis de garantir o bem estar do grupo familiar no que diz respeito principalmente aos cuidados básicos de proteção, educação dos seus filhos e administração do lar de forma a conciliá-los com o trabalho fora de casa.

PALAVRAS-CHAVE: Monoparentalidade feminina. Pobreza. Redes informais e formais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: CARVALHO, Luiza. “Famílias chefiadas por mulheres: relevância para uma política social dirigida”. *Revista de Serviço Social e Sociedade*. N° 57. Ano XIX. São Paulo: Cortez, 1988. CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. A priorização da família na agenda da política social. Org. KALOUSTION Manoug Sílvio. *Família Brasileira: a base de tudo*. 8. Ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF-UNICEF, 2008. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. . [http:// www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. [http:// www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2007. SEADE. [http:// www.seade.gov.br](http://www.seade.gov.br) SORJ, B.; FONTES, A. Famílias monoparentais femininas, pobreza e bem-estar das crianças: comparações regionais. In: COSTA, A. de O.; SORJ, B.; BRUSCHINI, C.;HIRATA, H. *Mercado de trabalho e Gênero: comparações internacionais*. Rio de Janeiro: FGV, 2008. TEIXEIRA, Solange Maria. Políticas Públicas Para a Família: o desafio da superação do subdesenvolvimento em serviços de apoio à família. *Revista Ser Social*, Brasília, 2010. VITALE, M. A. F. Famílias monoparentais: indagações. *Revista Serviço Social e Sociedade: Família*. N° 71. Ano XXIII. São Paulo: Cortez, 2002.